

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 106

Data: 08/10/82 Pg.: _____

Outubro, o mês do mágico e assombroso guaraná

Em outubro se inicia a safra do guaraná, o produto que "assombrou" todo mundo, no dizer do plantador João Tavares, dono de cinco mil pés no Paraná de Massuari, no interior do Amazonas. Para este ano espera-se boa safra, semelhante a dos dois anos anteriores, em torno de 500, 600 toneladas. Ano passado, o guaraná em grão alcançou Cr\$ 5 mil o quilo. A expectativa da alta fez com que muitos produtores segurassem a colheita. Em consequência, o mercado consumidor se retraiu. Quem não vendeu no início da safra, está com o estoque guardado, ou então entregou a preço de Cooperativa, como foi o caso do seu João Tavares.

— Perdi dinheiro. Vendi por Cr\$ 1.500, depois soube que a Cooperativa revendeu por Cr\$ 5 mil.

A Comissão de Financiamento da Produção há três anos que não garante o preço mínimo. Os bancos oficiais não estão mais financiando o produtor, apesar de terem mantido, inicialmente, um programa de empréstimos. Outro plantador, João Simões, que faz parte da Colônia Proteção Divina, no Município de Barreirinha, junto com mais 19 associados, por exemplo, está plantando com o financiamento do ano passado.

— O Banco do Brasil estava emprestando Cr\$ 161 mil para plantar dois hectares. Nós da Colônia Proteção Divina pegamos esse financiamento cada um por sua conta. Temos 38 hectares plantados.

Ele se mostra animado com a experiência. Conta que, para impedir que o plantador aplique em outra coisa, o Banco do Brasil entrega o dinheiro parceladamente.

— A gente recebe durante quatro anos. O primeiro dinheiro é para preparar o solo, Cr\$ 21 mil. Depois, para comprar as mudas, transportá-las e plantá-las vem Cr\$ 39 mil.

O restante é empregado na limpeza do terreno. Até completar três anos o guaraná dá muito trabalho. É necessário estar sempre limpando: antes e depois de cada colheita, nos meses de janeiro e junho. O guaraná tem seus mistérios. Até hoje, por exemplo, não se sabe o que é bom ou o que é ruim para ele. Sabe-se que sol e chuva na época da floração e do desenvolvimento do fruto, influem no seu crescimento. É difícil descobrir o comportamento da planta. Há anos em que ele não dá, ninguém encontra explicação. Quem nos fala é um comprador de guaraná, representante da Casa Caçapava na sua filial de Parintins, Keji Kawakami, há dez anos lidando com o produto.

— O guaraná tem a flor macho e a fêmea. Uma explicação poderia ser a au-



João Tavares: O guaraná assombrou



O índio Adolfo e a índia Vizinha

sência de abelhas para transportar o pólen.

Dizem os antigos, que o guaraná só está feito, depois de oito anos. Em compensação, um pé vive de 40 a 50 anos férteis. João Tavares, um dos primeiros a apresentar a grande procura do guaraná, começou a plantar há sete anos, na localidade de Aquidabã.

— Já fiz três colheitas. Na primeira tirei só 450 quilos; na segunda consegui 750; na terceira passei da tonelada. Este ano espero colher dois mil quilos.

Ele vende o guaraná em rama, como a maioria dos produtores. Seu mercado é Parintins e Maués, a chamada cidade do guaraná, onde a Antártica e a Brahma têm fábrica. Se diz satisfeito, apesar de ter perdido dinheiro na safra passada. Lamenta só não ter plantado há 20 anos, quando o guaraná chegou a dar Cr\$ 10 o quilo.

De todos os produtores, somente os índios Maué, o vendem manipulado. Pilam os grãos, fazem o que chamam de

pão de guaraná, depois de um processo rudimentar de defumação.

Em geral fazem pão de 250 gramas e de meio quilo. Depois do município de Maués, são os índios os maiores produtores. O chefe do Posto Indígena do Andirá, Sidney Edwards, é quem fala como os índios fazem para comercializar seu produto.

— Antigamente vendiam para o regatão — comerciante que sai no seu barco comprando as colheitas no interior — mas hoje em dia preferem entregar diretamente à Funai. O delegado de Manaus arruma preços melhores.

Ele conta que chegou a Cr\$ 6 mil o quilo do guaraná manipulado. Agora, na entressafra, está dando só Cr\$ 4 mil.

A descaracterização da vida tribal se reflete principalmente no modo de produção indígena. Hoje em dia, cada índio Maué tem seu pedaço de terra. Cada qual planta o seu ou então em família, o que é mais comum. Entretanto, conservam a forma de trabalho coletiva. O índio Adolfo de Oliveira, 28 anos, morador da aldeia de Ponta Alegre, conta como conseguiu plantar seus 200 pés.

— A gente lá trabalha em puxirum (mutirão). Todo mundo ajuda aquele que tem plantio para fazer. O dono do terreno só tem que entrar com a bóia.

Ano passado, o índio Adolfo conseguiu vender o guaraná em pão por Cr\$ 5 mil o quilo. Em rama, conta ele, chegou a dar Cr\$ 2.500. Os índios, apesar de terem tido oferta de financiamento, mesmo para os não emancipados, preferiram plantar sem ajuda bancária. É o caso da índia Maué Maria Virginia da Silva. Ela prefere ser chamada de dona Vizinha, não sabe dizer a idade — "só vendo no registro" — e nem há quanto tempo planta.

— Sei dizer é que meu pai já plantava guaraná. Meu avô também. E que o nome da minha aldeia é Guaranatuba. Deve ser por conta do guaraná, né?

Em Guaranatuba, uma das 18 aldeias dos Maué, moram 300 índios. Todos lá vivem do guaraná, que é tomado diário e coletivamente, dissolvido em água, bebem a que chamam de sapó. Os Maué não só cultivam como cultuam o guaraná, pois dentro de sua mitologia, foi dele que nasceu o Homem. Deve-se muito respeito a um pé de guaraná. Os Maué jamais arrancam uma muda, sem antes falar com ela. O índio Adolfo explica:

— A gente pede para ele ser bom com o novo dono.

Também, quando tomam diariamente o guaraná, servido numa grande cuia coletiva, a ninguém é permitido sair, sem terminar antes todo o conteúdo. Por que? — Diz que é porque senão, dá azar.